



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

AS CIDADES DE POSSIDÔNIO

Francisco Alcides do Nascimento*

A cidade se coloca como desafio, como problema a ser interpretado, compreendido, portanto, como objeto de estudo. Afinal de contas é na cidade “onde as coisas acontecem.” Sendo a cidade objeto de múltiplos saberes, discursos e olhares, a partir dela se constroem múltiplas imagens que têm como suporte a arquitetura, a publicidade, a fotografia, o cartaz, o selo, a pintura, a literatura, correspondências, para citar alguns dos registros com os quais o historiador trabalha em sua oficina a narrativa historiográfica. Citando Lucien Febvre, José Carlos Reis registra que a história “[...]pode ser feita com todos os documentos que são vestígios da passagem do homem.¹” pela terra. Esta comunicação toma as crônicas escritas sobre a cidade de Oeiras(PI), no período compreendido entre as décadas de 1960 e 1970, pelo intelectual Possidônio Queiroz. Crônica, nesta comunicação, segue os passos de Manuel Bandeira(2003) que reconheceu nela um gênero extremamente favorável a seus procedimentos criativos, uma vez que aceita e fornece vários instrumentos para quem a explora, sendo este um dos motivos de sua difícil classificação. Nesse sentido, o cronista tanto pode estar voltado, de modo rigoroso e preciso, para fatos históricos – quando então se aproxima dos cronistas à moda antiga –, quanto pode dirigir o olhar para o cotidiano das cidades

* Professor Associado III da UFPI

¹ REIS, José Carlos. O desafio historiográfico. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2010 .p.97

modernas, desenvolvendo, neste caso, uma linguagem prosaica e coloquial, em que, às vezes, desnuda-se a mais intensa poesia. Angela de Castro Gomes, por sua vez, destaca que “Drummond, Machado de Assis, Lima Barreto Coelho neto Bastos Tigre e muitos e muito outros literatos foram exímios cronistas.”² Destaca ainda que “crônicas jornalísticas são um lugar e um meio privilegiado de resgatar o efêmero e o simples, transformando-os em relato que, pela beleza da forma e pela agudez da percepção, podem se eternizar no tempo. O acontecimento rápido e corriqueiro ganha sentidos inusitados, por meio de um gênero literário que combina, como poucos, memória, história e ficção.”³ Um belo exemplo disto que acabamos de repetir, pode ser visto numa crônica de Rubem Braga, que este deu o nome de Borboleta Amarela. Braga narra com maestria o passeio de uma borboleta, mas não era qualquer borboleta, era uma espécie de cor amarela vista por ele na esquina da Rua Graça Aranha com Araújo Porte Alegre. “Na Rua México, informa o cronista que teve que esperar que o sina abrisse; ela tocou, fagueira, para o outro lado, indiferente aos carros que passavam roncando sob suas leves asas. Fiquei a olhá-lha. Tão amarela e tão contente da vida, de onde vinha, aonde iria?”⁴ O autor desta comunicação, de vez em quando escreve textos que chama de crônicas, em um deles que chamou de o Domingo de Carnaval e o beija-flor, narra a presença deste pequeno passáro em um jardim, em um dia especial como destaque “No domingo de carnaval tomei o caminho da Santa Teresa, zona rural de Teresina e passei o dia na Serra Dourada que, por estar mais perto do céu, parece mais quente do que o bairro onde moro em Teresina, apesar da cobertura vegetal. Foi um dia de baiano. Uma rede no avarandado, ouvindo o silêncio, quebrado de vez enquanto pelo canto das rolinhas e dos bem-te-vis.

A proprietária da casa plantou flores que chama de “Umbigo de viúvas”. Naquele domingo serviram para aplacar a sede e a fome de um beija-flor. Ele chegou de repente, com sua plumagem verde brilhante, dançava com leveza, na verdade, flutuava, não se importando com a cor das flores, beijava a todas.

² GOMES, Angela de Castro. Em família: a correspondência de Oliveira Viana e Gilberto Freire. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2005. p.11

³ GOMES, Angela de Castro. Em família: a correspondência de Oliveira Viana e Gilberto Freire. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2005. p.11.

⁴ BRAGA, Rubem. *200 crônicas escolhidas*. 26. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. p.261.

O beija-flor provocou naquela manhã de carnaval as minhas memórias de infância e adolescência quando passava o dia com uma baladeira, também conhecida por estilingue, na mão, tendo como alvo predileto as beijas-flor. Eles eram de todos os tamanhos e de cores variadas. Não sabia eu que estava contribuindo para a diminuição da quantidade do beija-flor nas matas piauienses.

Retorno a Angela de Castro Gomes quando propõe que a crônica apenas aparentemente é de fácil manejo. A forma como ela retratar um momento sem grande significado para a maioria dos humanos, imortalizado-o faz dela um gênero literário de muito sucesso de público, “o que de maneira alguma implica pequeno investimento, pretensão ou talento do literato-cronista-jornalista”.⁵

Cronistas são tomados nesta comunicação como os observadores mais atentos ao cotidiano da cidade e, por sua atuação, com maiores e melhores condições de ecoá-la. No caso específico tomo um historiador/intelectual/músico/cronista que viveu quase sua vida inteira em Oeiras, cidade localizada na região centro/sul do estado do Piauí. Penso que posso chamá-lo de homem de letras. Possidônio Queiroz aventurou-se pelas trilhas da escrita e decidiu compartilhar suas apreensões e desejos, gestados a partir de olhar, do sentir a cidade onde morou. Escreveu para jornais que circularam na sua Oeiras, escreveu também para uma programa de rádio, além de escrever muitas cartas. Nestas narrativas tratou do cotidiano da cidade para outros oeirenses que, por razões diversas, deixaram a primeira capital da província do Piauí. Correspondeu-se com pessoas como é o caso de Anita Prestes, que o entrevistou para capturar a representação do Velho Possi sobre a passagem da Coluna Prestes por Oeiras.

Na condição de cronista entrou em muitas casas dos oeirenses, formando opiniões. Deve ter agradado e desagradado a muitos deles, mas continuou a refletir sobre a cidade, sobre as festas religiosas ou não, sobre as solenidades cívicas, dentre outros temas que aguçavam a sua criatividade, o seu desejo de compartilhar suas apreensões, sonhos e desejos.

⁵ GOMES, Angela de Castro. *Em família: a correspondência de Oliveira Viana e Gilberto Freire*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2005. p.11.

Manuel Bandeira⁶ reconheceu na crônica um gênero extremamente favorável a seus procedimentos criativos, uma vez que aceita e fornece vários instrumentos para quem a explora, sendo este um dos motivos de sua difícil classificação. Nesse sentido, o cronista tanto pode estar voltado, de modo rigoroso e preciso, para fatos históricos – quando então se aproxima dos cronistas à moda antiga –, quanto pode dirigir o olhar para o cotidiano das cidades modernas, desenvolvendo, neste caso, uma linguagem prosaica e coloquial, em que, às vezes, desnuda-se a mais intensa poesia. Seguindo o rastro de Bandeira, considero que Possidônio Queiroz gostava de narrar suas impressões sobre os acontecimentos históricos lembrados a cada ano em Oeiras. Foram estas crônicas que motivaram dar o título desta comunicação. Devo adiantar entretanto que outras fontes foram empregados na construção desta narrativa. Os pronunciamentos realizados em datas cívicas, as conferências, os discursos.

Entretanto lidar com tais fontes não é uma tarefa fácil. Como nos lembrou Beatriz Sarlo, “o passado é sempre conflituoso. A ele se referem, em concorrência, a memória e a história consegue acreditar na memória, e a memória desconfia de uma reconstituição que não coloque em seu centro o direitos da lembrança(direitos de vida, de justiça, de subjetividade.)”⁷

As crônicas sobre Oeiras destacam a sensibilidade de Possidônio e o seu apego ao torrão natal. José Expedito Rêgo em ensaio 1995 destaca algumas das características que alega ser parte constituinte de Possidônio Queiroz: sábio, autodidata, leitor compulsivo, estudioso da história de Oeiras, mas dominava também aspectos daquilo que alguns historiadores e antropólogos chamam de história popular e outros chamam de folclore(lendas, tradições, anedotas, costumes antigos), amante da terra berço. “tomou parte destacada em todas as campanhas de vulto aí desenvolvidas, tais como o movimento em favor da criação do Bispado, do primeiro ginásio municipal,a luta acirrada pelo conservação do nome de Oeiras.”⁸

⁶ COELHO, Eduardo. *Manuel Bandeira*. São Paulo: Global, 2003. p.8.

⁷ SARLO, Beatriz. *Tempo passado: Cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Campanhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 9.

⁸ Um decreto presidencial da Era Vargas proibia a existência de cidades brasileiras com um mesmo nome. O nome foi mantido, apesar de ter sido proposto o de Canaã. Houve a participação de “cidadãos ilustres” pela manutenção de Oeiras, entretanto Expedito do Rêgo destaca os nomes de

Destaco a frase “amante da terra berço” porque do mesmo modo que Expedito Rêgo, avalio que Possidônio Queiroz, apesar de ter sido secretário da Câmara de Vereadores durante décadas, ter organizado e presidido associações de classes as mais diversas, ter escrito discursos para líderes políticos que não sabiam ler e tropeçavam nas palavras, ter orientado alunos, professores, juizes, advogado, diplomatas, ter composto o hino de Oeiras, pois era “músico erudito, virtuose da flauta, compositor extraordinário de valsas e outros ritmos, sempre vazada na mais primorosa melodia. Por ocasião das comemorações do 250 anos da catedral de Oeiras, compôs a música de um hino de grande beleza,”⁹ é muito pouco lembrado. Não sei gostaria de ser lembrado em virtude de sua simplicidade e modéstia. “Sua modestia é tão grande que pode parecer fingida. Mas não é. Trata-se de natural e verdadeiro sentimento, próprio dos que, sabendo muito, reconhecem quão pouco o pobre ser humano é capaz de entender de todo esse mistério imenso, essa escuridão caótica que é o Universo sem fim.”¹⁰

Poder-se-ia dizer que o discurso é um fenômeno social. E isto é possível devido as articulações que promove com vários fatores e áreas de conhecimento, além de ser um instrumento de compreensão de conjunturas sociais, econômicas e políticas. Se isto é verdadeiro pode-se afirmar que o discurso é um dos mais importantes veículos de produção do sentido no interior de uma sociedade.¹¹

Manuel Paulo Nunes, escrevendo sobre o mesmo Possidônio Queiroz, destaca que escritores que viveram/vivem na província, muita vezes em cidades pequenas, sem qualquer possibilidade de ganhar visibilidade nacional, na maioria das vezes sem condições materiais de editar livros, sem apoio logístico da imprensa local, teimam em escrever e, no caso de Possi, escrever bem. “Jornalista, orador, conferencista, historiador, exímio musicista e pessoa humana do mais fino trato, vivendo todo o tempo

Costa Machado e Possidônio Queiroz. RÊGO, Expedito. Possidônio, o esquecido. In: *Possidônio Queiroz*. Teresina: Fundação José Elias Tajra, 1995.14.

⁹ RÊGO, Expedito. Possidônio, o esquecido. In: *Possidônio Queiroz*. Teresina: Fundação José Elias Tajra, 1995.14.

¹⁰ RÊGO, Expedito. Possidônio, o esquecido. In: *Possidônio Queiroz*. Teresina: Fundação José Elias Tajra, 1995.14.

¹¹ NASCIMENTO, Francisco Alcides do Nascimento. Os labirintos da construção do discurso sobre o discurso.(Texto não publicado).

em sua comunidade interiorana, de cuja vida social é excelente partícipe, ele é bem o retrato do intelectual de província, sem ser provinciano”.¹²

Dois de seus pares avaliam Possidônio Queiroz como amante da cidade onde nasceu, escritor, jornalista, poeta, músico além de leitor compulsivo. Tais características não permitem afirmar que ele tenha sido um grande cronista, entretanto não se pode afirmar do mesmo modo que não tivesse as ferramentas para se-lo. A partir de tais indicações passamos a perscrutar escritos de Possidônio sobre a cidade de Oeiras. Em um texto que chamou de Recordações, nosso cronista retrata a Oeiras da década de 1920. Recorda de uma característica marcante da Primeira Capital, ser uma cidade pacata, sem iluminação elétrica, mas iluminada por candieiros a carboreto. Informa Possidônio que a antiga Praça do Mercado possuía diversos. E Possi não poderia esquecer dos candieiros a carboreto porque em frente a sua residência tinha um poste e o encarregado de acender o candieiro era ele próprio. Lembra de um detalhe relevante para a economia da cidade, nas noites de lua cheia, dispensava-se a iluminação artificial.

Como se pode perceber o cronista captura o cotidiano oeirense. Ele nos fornece muitos indícios da vida calma que a população levava naquela cidade do sertão do Piauí. Os jornais só apareciam de tempos em tempos. A frase nos permite levantar duas hipóteses: a primeira é que as dificuldades com transportes, falta de estradas ou má conservação das estradas de bois, a localização da cidade, no sertão, portanto distante da principal via de comunicação e transporte, o rio Parnaíba, dificultava a chegada dos jornais editados em Teresina e em outras capitais de estados. A segunda, menos plausível, é que se editavam jornais na cidade, mas isso de tempos em tempos, podendo concluir que aqueles que eram editados na cidade tinham vida curta.

Naquela década, a cidade não possuía clubes sociais. “Os bailes, quando haviam, se fazim em casas particulares”. O que nos permite deduzir que os jovens encontravam-se outros lugares. Possidônio destaca que era “raro um rapaz pegar na mão da moça”. As oportunidades eram raras, elas aconteciam por ocasião de um baile, ou para um adeus, quando tinha que viajar para longe. Outro lugar onde os namorados

¹² NUNES, Manuel Paulo. Escritores de Povíncia. In: *Possidônio Queiroz*. Teresina: Fundação José Elias Tajra, 1995.p. 16.

podiam ter algum tipo de contato físico era nas “funções religiosas”, sobretudo nas novenas. Não havendo clubes sociais e nem jardins onde os jovens pudessem se seduzirem através de um olhar, de leve loque, era na Igreja que os namorados se encontravam. Nessas ocasiões “os rapazes rezavam mais para suas eleitas que para as santas nos altares”. Possidônio nesta última frase ecoa Olavo Bilac, dizendo que este tinha razão.

Beatriz Salo tomando o texto de Paul Ricœur Tempo e Narrativa no qual este autor discute as diferenças entre história e discurso, levanta três questões fundantes: em que presente se narra, em que presente se rememora e qual é o passado que se recupera. E acrescenta “o presente da enunciação é o ‘tempo de base do discurso’, porque é presente o momento de se começar a narrar e esse momento fica inscrito na narração. Isso implica o narrador em sua história e a inscreve numa retórica da persuasão(o discurso pertence ao modo persuasivo, diz Ricœur).”¹³ Possidônio Queiroz defende que “é bom recordar, pois recordar é viver”.

Já foi indicado neste texto que Possi era tido pelos seus conterrâneos como o historiador mor de Oeiras. Por ocasião da Semana da Pátria do ano de 1972, Possidônio Queiroz foi convidado a proferir uma conferência sobre a contribuição do Piauí nas lutas da independência do Brasil e defende que apesar de em Oeiras haver adeptos do separatismo, “as lideranças eram prudentes, cautelosas não se arriscavam uma propaganda aberta. Não se expunham, que isso não convinha, não era certamente o medo do sacrifício pessoal. Mas, isto sim, o de um sacrifício improdutivo, inglório. Morrer por uma causa, na hora exata, é ato de sublime abnegação. Imolar-se fora de tempo pode ser loucura”.¹⁴ Voltando a Beatriz Salo e Paul Ricœur quando tratam das três questões apontadas há pouco, a conferência de Possidônio Queiroz foi realizada em 1972. O Brasil vivia o auge da ditadura civil-militar, a presidência da República era ocupada por Emílio Garrastazu Médice. Homens e mulheres foram presos, torturados e mortos pelo Brasil afora. Possidônio em seu discurso qualifica as lideranças como “prudentes”, “cautelosas”, que desejam a independência mas sem se arriscarem através

¹³ SARLO, Beatriz. Tempo passado: Cultura da memória e guinada subjetiva. Trad. Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. p.49.

¹⁴ QUEIROZ, Possidônio Nunes de. Contribuição do Piauí nas lutas pela Independência. *Revista do Instituto Histórico de Oeiras*, n. 02, 1972. p.69/88.

de propaganda aberta. Não se expunham, não por medo do sacrifício pessoal. Mas, isto sim, o de um sacrifício improdutivo, inglório. Morrer por uma causa, na hora exata, para Possi era ato de sublime abnegação. Sacrificar a vida fora de tempo, era loucura. Defende a harmonia e a paz. No final de sua conferência conclama a todos os oeirenses a trabalhar pela crescente prosperidade de primeira capital do Piauí. Argumenta que Oeiras “tem uma destinação histórica a cumprir. Todos os seus filhos somos responsáveis por esse destino. Lutas estéreis, competições que não visem o bem comum, dever ceder lugar ao grande sadio combate por esta que é a mãe do Piauí. Trabalhem para que num futuro, que desejamos super-próximo, os ideais democráticos sejam aqui um fato”.¹⁵ O discurso dos ditadores ecoam através da fala de Possidônio, um homem afeto ao trabalho com as letras, mas não esquece que deseja uma sociedade que seja democrática.

Ao voltar para o texto onde Possidônio rememora fatos do cotidiano de Oeiras na década de 1920 este revela que muitos ao lerem as linhas que escreveu vão sentir saudade daqueles tempos porque lembrarão da mocidade e de belas encantadoras jovens em pleno viço da vida. Recorda de si como aprendiz da oficina de Aristóteles Campos, localizada na Rua do Fogo, “perto da casa de Dona Licinha Rego”. Sobre o trabalho relata que um dia largou suas atividades para seguir o som de uma flauta que lhe chegava aos ouvidos. “Era a flauta do Mestre João do Rêgo, antigo discípulo do Dr. Gonçalo de Castro Cavalcante, que fora um extraordinário flautista piauiense.” Naquela ocasião o Mestre João do Rego era acompanhado pelo bandolim de uma senhora que ele nominou de Dona Acácia. A canção executada era a valsa “A Deusa dos Mares.” É difícil avaliar se aquela valsa em especial atravessou Possidônio a ponto dele se tornar um grande flautista e belo compositor de valsas, mas o fato é que o aprendiz de oficina, certo dia, abandonou os afazeres e deixou-se guiar pelos sons mágicos de uma flauta e de um bandolim. Me ancoro outra vez em Beatriz Salo quando esta destaca que muito “mais que a história, o discurso é concreto e pormenorizado, por causa de sua ancoragem na experiência recuperada a partir do singular. O testemunho é inseparável

¹⁵ QUEIROZ, Possidônio Nunes de. Contribuição do Piauí nas lutas pela Independência. *Revista do Instituto Histórico de Oeiras*, n. 02, 1972. p.69/88.

da autodesignação do sujeito que testemunha porque ele esteve ali onde os fatos (lhe)aconteceram”.¹⁶

Em 1983 Possidônio Queiroz participou de uma sessão solene, realizada na Academia Piauiense de Letras (APL), onde foi homenageado como uma das cinco personalidades do Piauí naquele ano. Em seu agradecimento fez questão de destacar que recebia aquela honraria como uma homenagem à cidade de Oeiras. “À terra heróica, à heroína dos seios titânicos que aleitou o Piauí criança, carregou nos braços, ensinou-lhe os primeiros passos vacilantes, viu-o crescer, transformar-se em adulto, e agora o contempla envaidecida, na maravilhosa ascensão para o seu verdadeiro destino”.¹⁷

No jornal O Cometa, editado em Oeiras da década de 1970 vamos encontrar Possidônio Queiroz tratando sobre a publicação de jornais na primeira capital do Piauí. Nos interessa nesta comunicação indicar as várias oeiras que compõe a cidade de Oeiras e a publicação de jornais numa linha temporal que recobre desde o início do século XIX até a década de 1970 do século XX, dá conta das múltiplas cidades mencionadas há pouco. O primeiro jornal relacionado por Possidônio foi *O Piauiense* que data de 1832. Durante o século XIX foram dezenas. Chamou a atenção o jornal *1889* em virtude do nome que, ao que tudo indica tem relação direta com o “movimento republicano com a própria Proclamação da República. “Parece que tais publicações pela pobreza do meio, tinham vida mais ou menos curta. Aliás, o fenômeno não seria apenas nosso. Em outras cidades piauienses também ocorria o mesmo.”¹⁸

A relação de jornais editados por Possidônio em Oeiras no século XX contempla apenas dois no período compreendido entre 1900 a 1930, o *Correio de Oeiras*, que segundo Possidônio Queiroz apareceu por volta de 1910 e o “jornzinho” *A Flor* mais ou menos pela mesma época. Em 1939 surge o *Fanal* que teve longa vida se comparado a maioria dos outros jornais editados na cidade, circulou até 1945. “Era o

¹⁶ SARLO, Beatriz. Tempo passado: Cultura da memória e guinada subjetiva. Trad. Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Campanhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. p.50.

¹⁷ QUEIROZ, Possidônio. Palavras de Possidônio Queiroz na Academia Piauiense de Letras. Oeiras, 1984.(Documento datilografado). p.3.

¹⁸ QUEIROZ, Possidônio. Aparece um jornal em Oeiras. Oeiras/PI: O Cometa, ano 1, n. 1 mar. 1971. p.1

seu redator e proprietário, o falecido Cel Orlando Barbosa de Carvalho, de saudosa memória, que foi ilustre homem público, e exerceu os altos cargos de Prefeito Municipal de Oeiras e de Deputado Estadual, e foi um dos constituintes de 1947.”¹⁹

O levantamento histórico da edição de jornais em Oeiras feito por Possidônio tem relação com o surgimento do *O Cometa* no começo da década de 1970. Sobre este jornal comenta Possidônio: “O Cometa é o jornal que agora aparece na invicta cidade. Vem a lume por iniciativa do Exmo. Sr. Dr. José Expedito de Carvalho Rêgo, que não é apenas um médico ilustre, um clínico de reputação firmada. É também um poeta”.²⁰

Tomou-se textos de Possidônio Queiroz escritos entre as décadas de 1970 e 1980, todavia esses escritos tratam de acontecimentos relacionados a uma longa temporalidade da cidade de Oeiras. Possi tratou das lutas pela independência do Piauí infocando o papel das elites políticas da cidade, do cotidiano de Oeiras na década de 1920 do século XX, da edição de jornais na primeira capital do Piauí, desde o o século XIX, da Oeiras da década de 1970 quando o Brasil vivia sob a tutela dos militares, além da Oeiras da década de 1980. Os escritos, em sua maioria, são textos historiográficos. Tem como foco central a “cidade invicta”, a “terra heróica”, a “cidade calma”, a “cidade musical”, a “cidade religiosa”. Essas múltiplas cidade nos remete para *As cidades invisíveis* de Calvino. Toma-se como exemplo, Zola sobre a qual o autor denuncia que ela “tem a propriedade de permanecer na memória ponto por ponto, na sucessão das ruas e das casas e janelas das casas, apesar de não demonstrar particular beleza ou raridade.”²¹ Oeiras aparece na memória de Possidônio através de pequenos acontecimentos, pequenos em minha avaliação, mas que fazem sentido para o cronista, uma vez que provocam a rememoração e desta uma narrativa. Mas Oeiras nos permite lembrar de outra cidade proposta por Calvino, Eudoxia, “que se estende para cima e para baixo, com vielas tortuosas, escadas, becos, casebres, conserva-se um tapete no que se pode

¹⁹ QUEIROZ, Possidônio. Aparece um jornal em Oeiras. Oeiras/PI: *O Cometa*, ano 1, n. 1 mar. 1971. p.1

²⁰ QUEIROZ, Possidônio. Aparece um jornal em Oeiras. Oeiras/PI: *O Cometa*, ano 1, n. 1 mar. 1971. p.1

²¹ CALVINIO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.19.

contemplar a verdadeira forma da cidade.”²² A cidade de Possidônio é uma cidade colonial, a primeira vila, a primeira cidade do Piauí. Dagoberto de Carvalho outro historiador nascido em Oeiras defende que a Igreja de Nossa Senhora da Vitória e de 1733.²³ A cidade teve o Beco do Quartel, a Travessa das Flores, a Rua da Cadeia, a rua do Fogo, a Rua do Sol, nomes desaparecidos, ruas de outra cidade, mais uma de Possidônio. Oeiras não possui um tapete que represente o seu verdadeiro formato, mas do alto do Morro do Leme pode-se ver o formato da velha cidade, mas de repente onde era apenas rochas, surge um grande castelo com uma grande janela e nesta surgir uma dama com uma longa trança de ouro, cravejada de pedras preciosas a encantar as outras mulheres. Esta é uma cidade oculta sobre a qual pouco se sabe. Não é como Raissa, mais uma cidade de Calvino na qual “as pessoas caminham retorcendo as mãos, imprecam às crianças que choram, encostam-se nos parapeitos do rio com a cabeça apoiada nas mãos, acordam de manhã com um pesadelo e logo começa outro.”²⁴

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

11

BRAGA, Rubem. *200 crônicas escolhidas*. 26. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COELHO, Eduardo. *Manuel Bandeira*. São Paulo: Global, 2003.

GOMES, Angela de Castro. *Em família: a correspondência de Oliveira Viana e Gilberto Freire*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2005.

CARVALHO JR, Dagoberto. *Passeio a Oeiras*. 4. Ed. Recife: Gráfica Editora Apipucos, 1992.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do Nascimento. *Os labirintos da construção do discurso sobre o discurso*.(Texto não publicado).

²² CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.91.

²³ CARVALHO JR, Dagoberto. *Passeio a Oeiras*. 4. Ed. Recife: Gráfica Editora Apipucos, 1992. p.37.

²⁴ CALVINIO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.134.

NUNES, Manuel Paulo. Escritores de Povíncia. In: *Possidônio Queiroz*. Teresina: Fundação José Elias Tajra, 1995.

QUEIROZ, Possidônio Nunes de. Contribuição do Piauí nas lutas pela Independência. *Revista do Instituto Histórico de Oeiras*, n. 02, 1972.

QUEIROZ, Possidônio. *Palavras de Possidônio Queiroz na Academia Piauiense de Letras*. Oeiras, 1984.(Texto mimeografado).

QUEIROZ, Possidônio. Aparece um jornal em Oeiras. Oeiras/PI: *O Cometa*, ano 1, n. 1 mar. 1971.

REIS, José Carlos. *O desafio historiográfico*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2010.

RÊGO, Expedito. Possidônio, o esquecido. In: *Possidônio Queiroz*. Teresina: Fundação José Elias Tajra, 1995.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: Cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Campanha das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.